

ÂNIMOS JUVENIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA: a imprensa estudantil no Maranhão oitocentista (1870-1900)

Mayra Cristhine dos Santos Cabral¹
Francisco Gilson Rebouças Porto Junior²

Resumo: Apresenta os impressos organizados pelos estudantes no Maranhão que, imbuídos de ânimos juvenis e tradição literária, trabalharam em prol do desenvolvimento intelectual de sua terra natal em fins do século XIX. Para tanto objetiva-se identificar, resgatar e analisar as condições de produção, circulação e apropriação da imprensa estudantil maranhense. A abordagem teórica e metodológica se baseia nos pressupostos da História Cultural, com o aporte e cruzamento de informações da pesquisa documental sobre fontes impressas principais (jornais estudantis) e auxiliares (imprensa diária local). Os resultados da investigação registram a circulação de 22 jornalsinhos organizados por estudantes entre os anos de 1870 e 1900. A imprensa estudantil maranhense foi materializada em pequenos jornais de quatro páginas que tinham periodicidade irregular, no entanto a sua criação e manutenção envolveu diversos atores e instituições sociais que tinham como objetivo utilizar os jornais como objeto contra a apatia cultural e intelectual que se instauraram na *Atenas Brasileira*.

Palavras-chave: Imprensa de Educação e Ensino. Imprensa Estudantil. História da Imprensa do Maranhão. Imprensa Oitocentista.

YOUTHFUL SPIRITS AND LITERARY TRADITION: the student press in nineteenth-century Maranhão (1870-1900)

Abstract: It presents the publications organized by students in Maranhão who, imbued with youthful enthusiasm and literary tradition, worked for the intellectual development of their homeland at the end of the 19th century. To this end, the objective is to identify, recover, and analyze the conditions of production, circulation, and appropriation of the Maranhão student press. The theoretical and methodological approach is based on the assumptions of Cultural History, with the contribution and cross-referencing of information from documentary research on primary printed sources (student newspapers) and auxiliary sources (local daily press). The results of the investigation record the circulation of 22 small newspapers organized by students between 1870 and 1900. The student press in Maranhão took the form of small four-page newspapers that were published irregularly. However, their creation and maintenance involved various actors and social institutions that aimed to use the newspapers as a tool against the cultural and intellectual apathy that had taken hold in the Brazilian Athens.

Keywords: Education and Teaching Press. Student Press. History of the Press in Maranhão. Nineteenth-Century Press.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (PPGComS-UFT). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão (DEBIB-UFMA). E-mail: mayracabral@gmail.com.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA), mestre em Educação pela Faculdade de Educação (PPGE-UnB) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. E-mail: gilsonportouft@gmail.com.

ÁNIMOS JUVENIS Y TRADICIÓN LITERARIA: la prensa estudiantil en el Maranhão del siglo XIX (1870-1900)

Este artículo presenta las publicaciones organizadas por estudiantes en Maranhão que, imbuidos de espíritu juvenil y tradición literaria, trabajaron por el desarrollo intelectual de su patria a finales del siglo XIX. Para ello, se busca identificar, rescatar y analizar las condiciones de producción, circulación y apropiación de la prensa estudiantil en Maranhão. El enfoque teórico y metodológico se basa en los supuestos de la Historia Cultural, con la contribución y el cruce de información proveniente de la investigación documental sobre fuentes impresas primarias (periódicos estudiantiles) y fuentes auxiliares (prensa diaria local). Los resultados de la investigación registran la circulación de 22 periódicos organizados por estudiantes entre 1870 y 1900. La prensa estudiantil en Maranhão se materializó en pequeños periódicos de cuatro páginas con una frecuencia irregular. Sin embargo, su creación y mantenimiento involucró a diversos actores e instituciones sociales que buscaban utilizar los periódicos como un objeto contra la apatía cultural e intelectual que se había establecido en la Atenas Brasileña.

Palabras-clave: Prensa de Educación y Enseñanza. Prensa Estudiantil. Historia de la Prensa de Maranhão. Prensa del Siglo XIX.

Introdução

Entre grandes sobrados e solares de arquitetura luso-brasileira, ruas e becos, praças e largos, a tradição oral e diversas produções mentais trataram de creditar à cidade de São Luís o título de *Atenas Brasileira*³. A ideia de que a expressão regional de vida literária da ilha remota, localizada ao meio norte do Brasil, se aproximava dos valores cultuados pela antiga sociedade greco-romana data desde a primeira metade do século XIX; momento em que a capital do Maranhão experimentava uma série de avanços na organização do seu espaço urbano, melhoramento e instalação de novos serviços de ordem cultural, educacional e artístico; fruto do apogeu de sua economia agroexportadora que financiou a formação de uma elite letrada nas academias europeias, principalmente na Universidade de Coimbra, responsável pelo imponente ciclo literário do *Grupo Maranhense* (1832-1868)⁴, que atestou para a História da Literatura Brasileira a existência de uma *Atenas Brasilis*.

No século XIX, o mito da *Atenas Brasileira* foi forjado e materializado em São Luís a

³Epíteto construído pela sociedade letrada maranhense do século XIX como sinônimo de uma terra de letrados, e que até hoje é ícone da identidade cultural da cidade de São Luís, capital do Maranhão.

⁴O grupo maranhense tem como principal expoente Gonçalves Dias (1823-1864), considerado o primeiro e jamais superado poeta Romântico brasileiro, entre outros importantes comprovincianos como: João Lisboa (1812-1863), Odorico Mendes (1799-1864), Sotero dos Reis (1800-1871), Gomes de Sousa (1829-1863) de grande prestígio que no Maranhão nasceram. (Veríssimo, 1916).

partir da atividade mental de diversos poetas, jornalistas, tradutores, professores, biógrafos, historiadores e editores que trabalharam em diferentes setores do funcionalismo público, sem se descuidar do desenvolvimento do campo intelectual de sua terra natal. Tal zelo da elite ateniense se traduziu não só na publicação de produções literárias, mas também na organização de uma imprensa expressiva, criação de equipamentos de cultura e educação, fundação de sociedades e grêmios recreativos, realização de saraus, conferências e debates literários que garantiram a agitação social necessária para a construção de um perfil identitário, baseado em uma suposta superioridade linguística e escrita dos maranhenses frente a todo o Império Brasileiro (Borrvalho, 2009). No entanto, a partir da década de 1870, “Começou para o Maranhão essa tristíssima e caliginosa noite em que, por tão longo tempo, viveram suas letras,” (Lobo, 1909, p. 14), dada a morte de muitos dos atenienses fundadores, o recolhimento de outros pouquíssimos em *locus* e, sobretudo, a debandada dos seus escritores mais promissores para os centros urbanos do Brasil (Lobo; 1909; Moraes, 1976; Martins, 2006).

Imersos a esse ambiente de estagnação literária, *um par de periódicos* foram criados pela comunidade discente maranhense com a intenção de operar a ressurreição intelectual de sua terra natal. Apresentados, pela primeira vez, como “[...] alguns jornais de literatura fugitiva, fundados por estudantes do Lyceu, de escassa circulação e existência fugaz, [que] por forma alguma representavam a grande vitalidade intelectual e a superioridade de estudos literários dos jornalistas maranhenses.” (Serra, 1883, p. 90), o movimento gênese da imprensa estudantil local, quando não desprezado, foi paulatinamente descrito de maneira resumida a *títulos efêmeros e tentativas malogradas* nos anais da História da Imprensa e da Literatura do Maranhão. (Serra, 1883; Lobo, 1909; Moraes, 1976; Martins, 2006).

A frivolidade com que foram tratados os periódicos discentes se traduz, até hoje, em raríssimas informações sobre *O Estudante* (1870), *A Mocidade* (1875), *Revista Juvenil* (1876), *O Progresso* (1878), *A Escola* (1878), *O Sorriso* (1885), *O Repolho* (1885), *O Porvir* (1885), *O Estudante* (1885), *A Liberdade* (1886), *O Estudante* (1887), *O Século* (1889), *O Ensaio* (1890), *A Eschola* (1891), *O Athenas* (1893), *O Porvir* (1895), *O Estudante* (1895), *A Alvorada* (1895), *O Ideal* (1898), *O Philomatico* (1898), *A Actualidade e O Athleta* (1900). Diante desse quadro, nesta investigação, nos interessa compreender o surgimento dos impressos organizados por jovens estudantes que, imbuídos de ânimos juvenis e tradição literária, criaram mais de uma

vintena de *jornalsinhos*⁵ que fizeram parte de uma imprensa estudantil expressiva no Maranhão oitocentista.

Entre rastros e vestígios dos jornalsinhos maranhenses: identificação, resgate e enquadramento das fontes.

A História da Literatura Maranhense aponta que entre 1870 e 1900 “[...] vida literária local absolutamente não tínhamos e, se continuávamos condignamente representados na cultura geral brasileira, não era pelo que aqui fazíamos, e sim pelo que na capital do país operavam os escritores maranhenses,” (Lobo, 1909, p. 15). Para descrever esse período de estagnação das letras na *Atenas Brasileira*, continuamente, *um par de periódicos* organizados por estudantes são evocados, de forma breve e frívola, como representantes das raras tentativas de reação à apatia literária que se instaurara. (Lobo, 1909; Moraes, 1976; Martins, 2006). Resumidos a *títulos efêmeros*, ao *O Século* (1889), *A Alvorada* (1895) e *O Estudante* (189-) são atribuídos à responsabilidade por uma “[...] passageira fase de efervescência literária” (Lobo, 1909, p. 20); já que “Em São Luís, jovens estudantes mant[inha]m jornais e integra[va]m sociedades literárias” (Moraes, 1976, p. 124); mas “Apesar da boa qualidade da produção lítero-científica publicada por tais periódicos [...], as iniciativas [...] invariavelmente malograram, acabrunhando ainda mais o meio circundante.” (Martins, 2006, p. 122).

A sintetização do movimento estudantil e de seus impressos a *tentativas malogradas* se modifica quando, a partir de uma perspectiva histórico-educacional, mais cinco jornais são integrados ao *um par de periódicos* outrora registrados como representantes do periodismo estudantil do Maranhão na primeira década republicana, são eles: *O Ensaio* (1890), *A Eschola* (1891), *O Porvir* (1895), *O Ideal* (1898) e *A Actualidade* (1900). O processo experimentado para identificação das folhas discentes fora realizado integralmente na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital (HDB-BNDigital)⁶, através da consulta online ao diário *Pacotilha* (1880-1939)⁷ que, dentre inúmeros vestígios em anúncios e notas recuperados

⁵Ao longo desta investigação evocamos a palavra *jornalsinho* para fazer referência aos periódicos organizados por estudantes maranhenses entre os anos de 1870 e 1900. Optamos por utilizar o termo em sua grafia original, com *S* ao invés de *Z*, tal qual encontrado na maioria das fontes consultadas.

⁶Endereço web: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁷Com maior representatividade na História da Imprensa Maranhense, dada a riqueza dos registros sociais, culturais e econômicos encontrados em suas páginas, a *Pacotilha* “[...] soube fazer e impor a sua história, com muita

a partir da inserção do termo *journalsinho* na sua ferramenta de busca, apontou a circulação de mais periódicos organizados por estudantes do que anteriormente se sabia. (Castro, Cabral, Castellanos, 2019).

Em face desses rastros e vestígios apresentados pela literatura oficial, a nossa incursão para a identificação dos títulos dos impressos estudantis maranhenses de fins do século XIX se debruçou também sobre a imprensa diária que circulou no Maranhão oitocentista, tendo em vista que o uso de uma única dessas enciclopédias do cotidiano foi capaz de indicar mais que o dobro de folhinhas organizadas pelos estudantes do que anteriormente registrada nos anais da História da Imprensa e da Literatura local. Assim, a partir de uma pesquisa documental profunda⁸ nos jornais *Diário do Maranhão* (1855-1919)⁹, *O Paiz* (1863-1886)¹⁰, *Pacotilha* (1880-1939) hospedados na Hemeroteca Digital Brasileira e a combinação de técnicas de recuperação da informação em fontes digitais; a partir da análise do catálogo e da extração dos termos mais representativos nos enunciados referentes ao movimento dos *journalsinhos* para aplicação destes nos mecanismos de recuperação de conteúdo disponíveis no repositório; constatamos que o *um par de periódicos*, na realidade, se tratava de, pelo menos, vinte e dois impressos estudantis. (Figura 1)

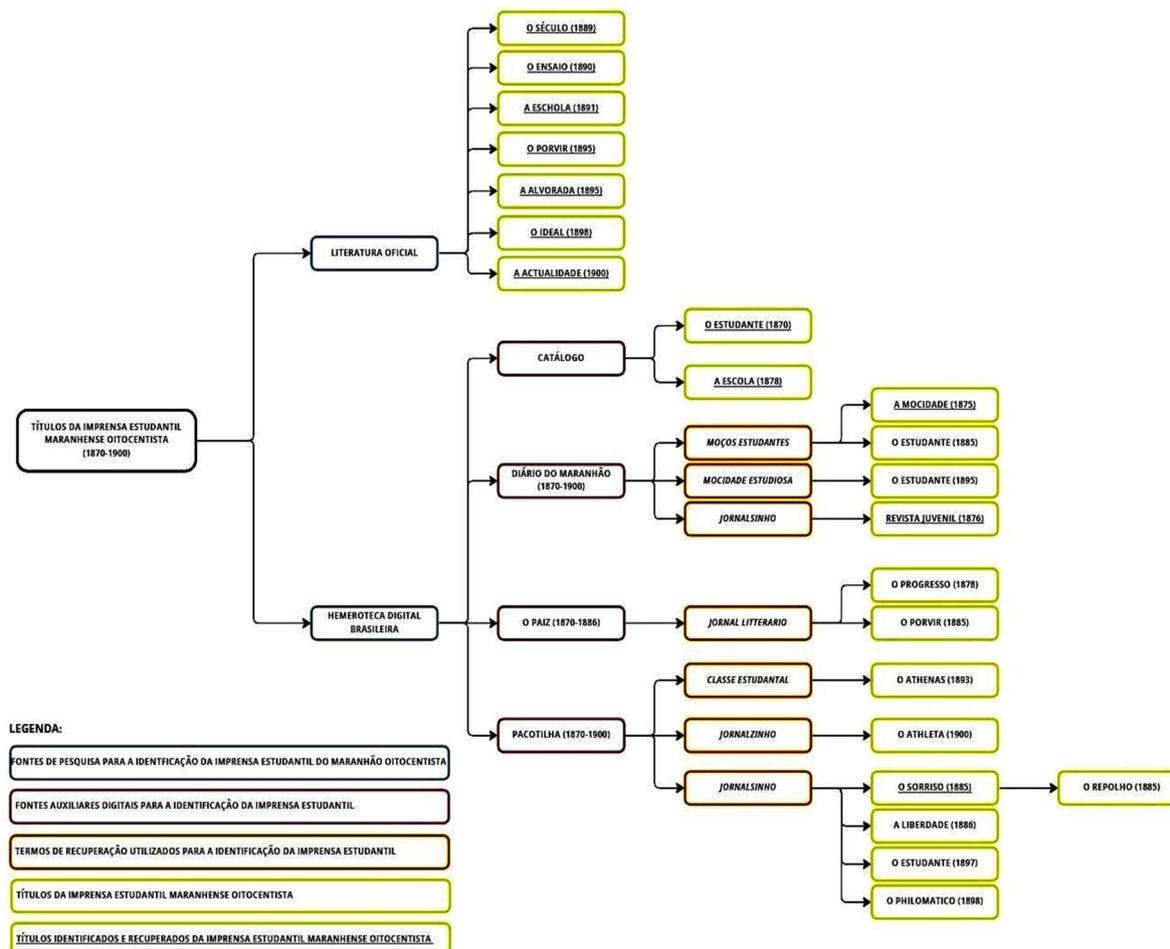
competência, sem dúvida pela influência do seu corpo editorial, com um grupo de jornalistas brilhantes, e, que nenhum outro jornal, tanto no século XIX, como no seguinte, conseguiu reunir.” (Jorge, 2008, p. 342).

⁸A escolha das fontes obedeceu aos critérios de representatividade, periodicidade e acessibilidade dentre os principais diários de notícias gerais publicados no Maranhão na segunda metade do século XIX.

⁹Criado com fins de divulgação de informações do comércio, da lavoura e da indústria, o *Diário do Maranhão* “[...] deixou traços marcantes na história da imprensa local” (Jorge, 2008, p. 225) era distribuída três vezes por semana com uma série de notícias internacionais e de autoridades públicas locais, além de uma página inteira dedicada a anúncios.

¹⁰Como órgão especial do comércio, *O Paiz* “Exerce[u] decidida influência na opinião pública maranhense, e goz[ou] na praça de S. Luiz do melhor conceito.” (Serra, 1883, p. 59).

Figura 1: Itinerário de identificação da Imprensa Estudantil Maranhense (1870-1900)

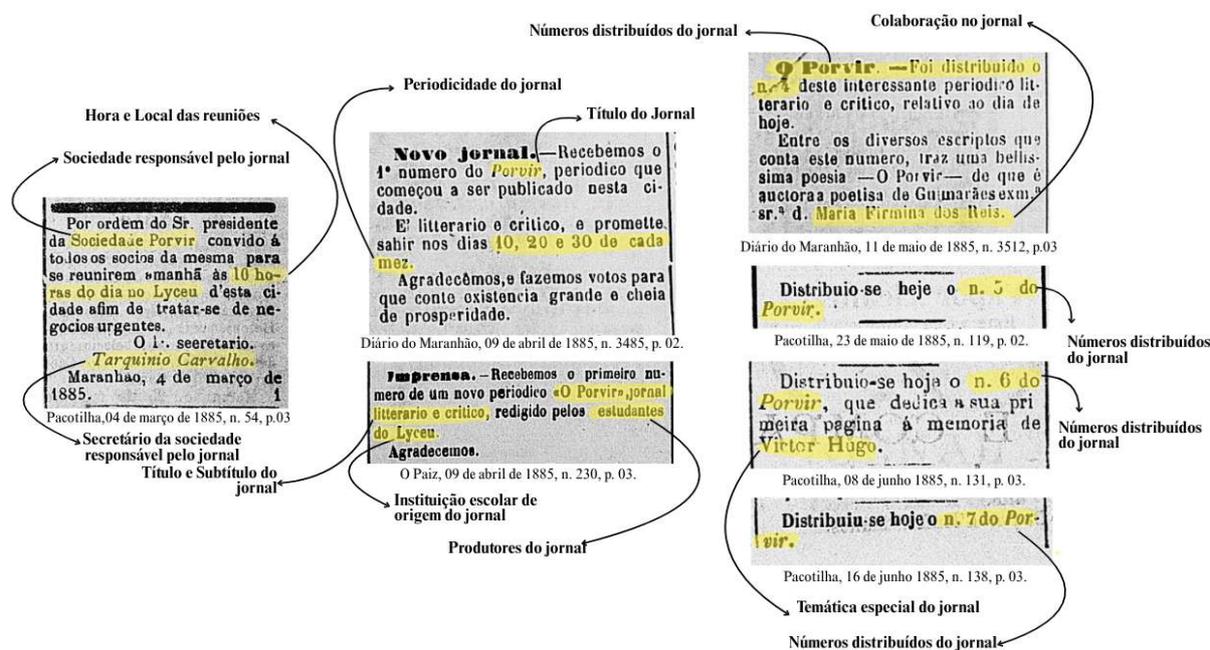


Fonte: Os Autores.

Dentre os 22 títulos identificados como pertencentes à imprensa estudantil maranhense do século XIX, somente 12 dessas materialidades conseguiram sobreviver às dificuldades de espaço e tempo que enfrentam todas as fontes históricas e puderam ser recuperadas em diferentes espaços de memória¹¹. A utilização da imprensa diária para a (re)construção da história da imprensa estudantil, nesta pesquisa, mostrou-se frutífera não só por alargar o número de jornais do alunado a serem inquiridos, mas também por, na ausência de outras fontes, fornecer informações valiosas sobre a movimentação de cada folha discente, principalmente daqueles títulos em que não fora possível resgatar a sua materialidade, possibilitando dessa maneira a reconstituição de alguns aspectos da trajetória desses empreendimentos de forma individual. (Figura 2)

¹¹Na própria Hemeroteca Digital Brasileira e na Biblioteca Pública Benedito Leite.

Figura 2: Trajetória d' *O Porvir* (1885) na Imprensa Diária Maranhense.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

É por se configurar como uma nascente fértil para a recuperação do passado que a imprensa, nesta investigação historiográfica sobre os processos comunicacionais estabelecidos pela comunidade discente maranhense no século XIX, desempenha, ao mesmo tempo, o papel de objeto e fonte de pesquisa primária (jornais estudantis) e secundária (jornais diários). Na oficina do historiador, uma história da imprensa contada por ela própria pode ser enquadrada à luz dos pressupostos da História Cultural da Sociedade que, ao preconizar por uma historiografia dos *não-vencedores* e para além dos *documentos oficiais*, evidencia a comunidade discente, os *journalsinhos* e os *jornalões*, aqui esquadrihados, como campo latente e de inúmeras possibilidades. (Le Goff, 1990; Lucá, 2008).

Os abalos epistemológicos realizados pela Nova História foram sentidos de maneira especial na oficina do historiador da educação brasileira que diante da redefinição e incorporação de novos problemas, objetos e temas de pesquisa, se debruçou sobre os elementos da cultura escolar, em seus processos de produção, circulação e apropriação, e encontrou nos impressos da área educacional “[...] um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma determinada época. Eles mantêm uma relação intensa com sua época,

revelam, são produzidos e produzem tempos e espaços”. (Amaral, 2002, p.121). É sob a ótica da História da Educação que a imprensa de educação e ensino ganha maior interesse e tem seu campo teórico-metodológico desenvolvido, ao ser definida como toda e qualquer publicação mantida por sujeitos da hierarquia do sistema educacional ou por instituições/pessoas ligadas a educação, capaz de revelar não só os elementos de determinado sistema de ensino, como também as instâncias de socialização a que crianças e jovens estão condicionadas em determinada realidade. (Nóvoa, 1993; Amaral; 2002, 2024; Werle, 2013).

Nesse contexto os impressos estudantis se distinguem por se constituírem em um espaço educativo de expressão e organização dos alunos e, nesta investigação, nos debruçamos sobre os jornais discentes maranhenses em suas circunstâncias de produção, circulação e apropriação, e nos interessa, em particular, compreender como o surgimento da atividade lítero-tipográfica estudantil no Maranhão se relaciona com a manutenção do epíteto da *Atenas Brasileira*, entendendo os *jornalsinhos* como um espaço onde as opiniões e informações veiculadas resultam das relações estabelecidas entre os estudantes com todos os outros sujeitos da comunidade escolar e da comunidade externa, um espaço de práticas de produção e reprodução de representações, um espaço não neutro de manifestação dos sujeitos. (Amaral; 2002, 2024; Werle, 2013).

Para analisar impressos organizados pela comunidade discente maranhense como resposta ao estado de apatia das letras a que estavam imersos, antes de tudo, compreendemos os impressos como um espaço de expressão e organização dos alunos, onde os elementos mais expressivos do seu projeto gráfico e editorial, em seus aspectos de produção, circulação e apropriação, permitem a leitura da vida do estudante maranhense de outrora e a (re)interpretação do que realmente foi a tentativa de introdução do alunado nos campos da imprensa e da literatura, a partir da criação e manutenção de jornais no século XIX.

Nessa empreitada, onde os *jornalsinhos* exercem ao mesmo tempo o papel de objeto e fonte de investigação, a metodologia utilizada para extração dos dados e estruturação narrativa dos resultados obtidos acompanha o percurso metodológico proposto por Nunes e Carvalho (2005) que, baseado nas formulações de Roger Chartier (1988), define a História Cultural como a conjunção de três elementos indissociáveis, onde os objetos de pesquisa devem ser analisados a fim de realizar: uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas

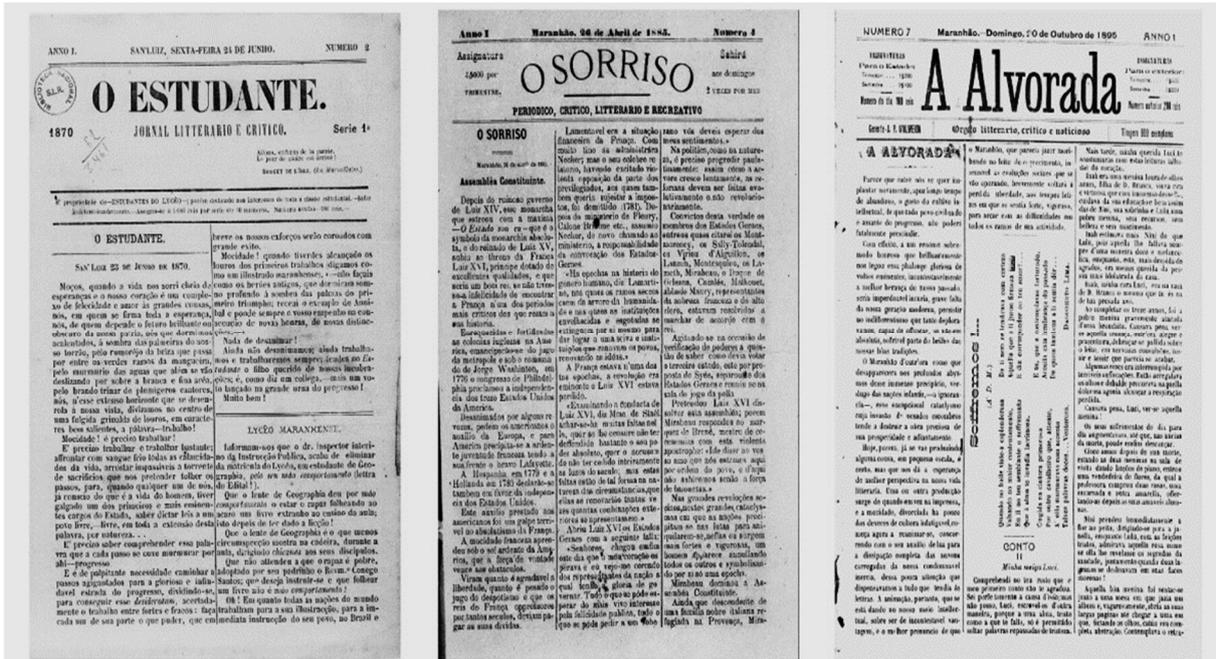
suas diferenças, e, por fim, a incursão dos dois primeiros eixos em uma forma mais ampla de compreender as formações sociais, estruturas psíquicas e armaduras conceituais do movimento lítero-tipográfico estudantil no Maranhão oitocentista.

A vida do estudante lítero-jornalista e seus jornalsinhos na Atenas Brasileira

Em fins da década de 1860 começou para a *Atenas Brasileira* uma tristíssima e caliginosa noite onde a brilhante geração literária que viveu e trabalhou para o desenvolvimento dos mais variados setores da produção mental regional teve sua estrela apagada. (Lobo, 1909; Moraes, 1976; Martins, 2006).

Como resposta, entre iniciativas estáveis e outras mais ou menos *efêmeras*, *O Estudante* (1870), *A Mocidade* (1875), *Revista Juvenil* (1876), *O Progresso* (1878), *A Escola* (1878), *O Sorriso* (1885), *O Repolho* (1885), *O Porvir* (1885), *O Estudante* (1885), *A Liberdade* (1886), *O Estudante* (1887), *O Século* (1889), *O Ensaio* (1890), *A Eschola* (1891), *O Athenas* (1893), *O Porvir* (1895), *O Estudante* (1895), *A Alvorada* (1895), *O Ideal* (1898), *O Philomatico* (1898), *A Actualidade* e *O Athleta* (1900) formam o conjunto de periódicos produzidos por estudantes no Maranhão durante o período oitocentista. Materializados em pequenos jornais de quatro páginas *in-8º*, no formato de uma folha de papel almaço, com duas ou três colunas, a imprensa estudantil maranhense emergiu das salas de aula a fim de dar voz às inquietudes do alunado. (Figura 3)

Figura 3: Forma da Imprensa Estudantil Maranhense Oitocentista



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O suporte em que foram concretizados esses periódicos revela que essa foi a maneira mais acessível que os estudantes encontraram para externar suas ideias, já que “Mesmo demandando alguns recursos financeiros, não era preciso ser muito rico para se fazer circular um jornal, que tinha formato pequeno e poucas páginas, com anúncios escassos.” (Morel, 2015, p.36). Embora o modelo de impressão escolhido fosse uma das alternativas mais baratas no mercado impressor do século XIX, ainda assim a mocidade encontrava dificuldades para manter a periodicidade de suas folhas. Exceto pelos títulos em que não pudemos constatar os termos de sua circulação e/ou que não conseguimos sobreviver após a saída dos seus primeiros números, as iniciativas mais estáveis da imprensa estudantil assumiam a responsabilidade de agraciar o público leitor com a aparição de um novo exemplar do seu *jornalzinho* por, pelo menos, uma, duas, no máximo, três vezes ao mês. (Quadro 01)

Quadro 01: Frequência dos *títulos efêmeros*

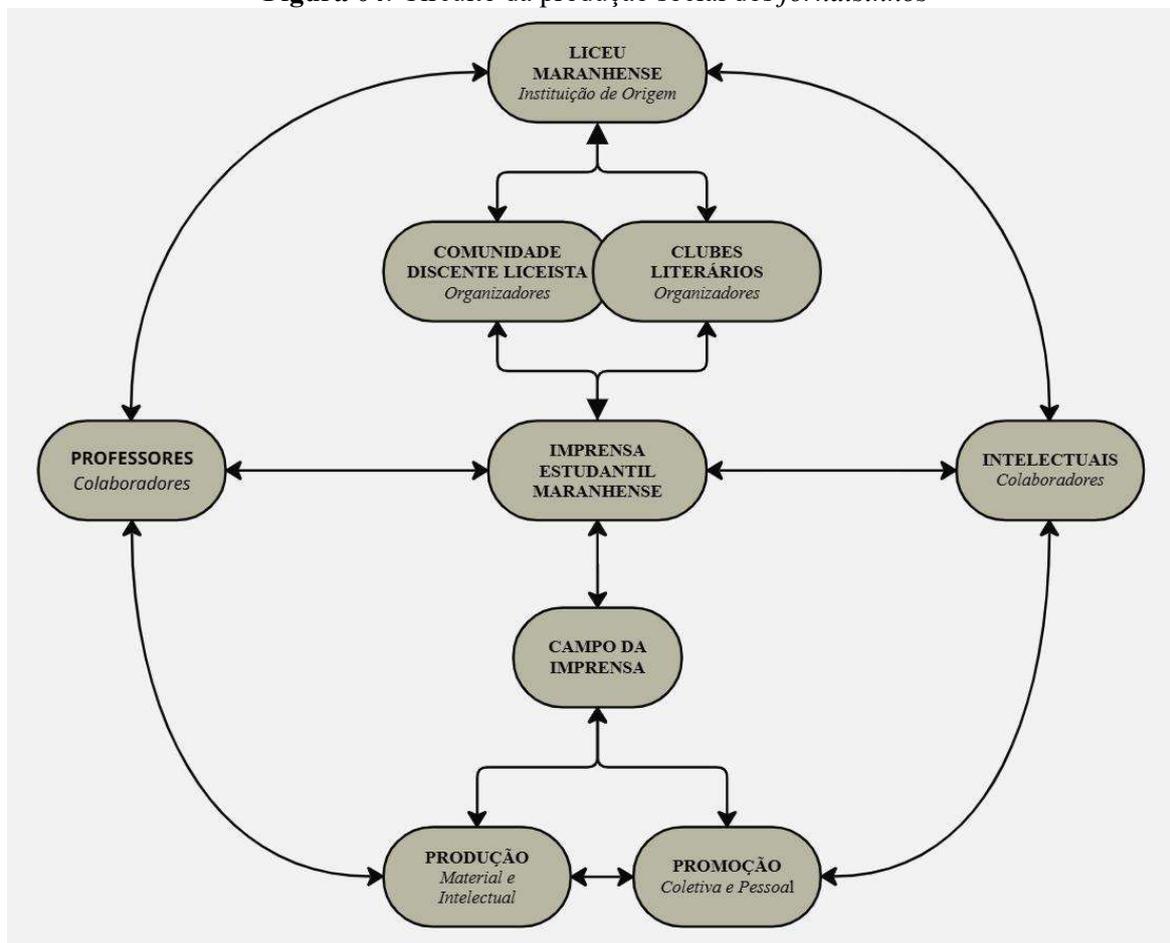
PERIODICIDADE	NÚMERO DE JORNAIS PUBLICADOS	CIRCULAÇÃO (EM ANOS)	NÚMERO DE JORNAIS PUBLICADOS
MENSAL	06	1 ANO E/OU MENOS DE 1 ANO	15
BIMENSAL	03	02 ANOS	05
TRIMENSAL	05	03 ANOS	02
INDETERMINADA	08		

Fonte: Os Autores.

No entanto, esse compromisso datado foi diversas vezes abortado devido à falta de recursos financeiros para se mandar imprimir novos números e pela dificuldade dos alunos em conciliar o ofício lítero-jornalístico com as obrigações escolares, principalmente em época de provas, fazendo com que a circulação desses periódicos não passasse, em sua maioria, do primeiro ano.

Por esse motivo que, provavelmente, os jornais organizados por estudantes no final século XIX passaram para a história da imprensa e intelectual do Maranhão como exemplos de *títulos efêmeros* e, por isso, não mereceram a atenção adequada para além do arroubo momentâneo, o que acabou por apagar o complexo contexto de seu surgimento, a teia social imbricada na sua fabricação e a importância de sua produção literária e jornalística para uma época. Ao focalizarmos as condições de produção social da imprensa estudantil e a formação de solidariedades letradas e jornalísticas acarretadas com a sua circulação (Marchetti, 2008; Munaro, 2017), constatamos que ela não é um produto exclusivo do alunado, já que o movimento em torno dos periódicos discentes envolveu diversos atores e instituições da sociedade maranhense oitocentista. (Figura 04)

Figura 04: Circuito da produção social dos *jornalsinhos*



Fonte: Os Autores.

Os impressos estudantis que circularam no Maranhão em fins do século XIX, foram organizados pela comunidade discente do Liceu Maranhense, a partir de grupos mais ou menos institucionalizados; já que, em alguns casos, para criação de um *jornalsinho* era necessário a fundação de sociedades literárias. Nessa empreitada, o alunado precisava cooptar sujeitos e instituições, de dentro e de fora do ambiente educacional, para materializar e dar visibilidade a sua atividade lítero-tipográfica, ao que encontrou nos professores, intelectuais e campo da imprensa local o suporte requerido.

No movimento das redações e páginas dos pequenos periódicos, o professorado aparece como uma espécie de mentor da caminhada dos estudantes pelo terreno da imprensa e da literatura, uma vez que o corpo docente liceísta era conhecido por sua intelectualidade e, além das atividades escolares, desempenhavam funções de escritor, jornalista, literato e agitador

cultural, transitando com distinção entre outros espaços do conhecimento que não somente o Liceu Maranhense (Ribeiro, 2006). Enquanto colaborador da imprensa estudantil, ouvindo às suas ideias, se interessando por suas produções e sanando suas dúvidas, seja durante o horário escolar ou fora dele, que a comunidade docente exerceu papéis na redação dos *jornalsinhos*, ocupando o cargo de presidente honorário e/ou coordenando reuniões para a fundação das folhinhas e nas plenárias dos clubes literários. Dessa relação íntima com o ofício litero-tipográfico do alunado, os nobres mestres foram laureados com homenagens sobre a sua inteligência e contribuições para a educação.

O envolvimento de personalidades letradas nos periódicos estudantis, por sua vez, se justificaria somente pela presença da comunidade docente liceísta, no entanto, os jovens jornalistas também receberam apoio de intelectuais fora desse ciclo e além do território maranhense. Entre as páginas da imprensa estudantil é possível observar algumas produções assinadas e/ou creditadas a autores importantes da sociedade oitocentista, ao mesmo tempo em que esses mesmos sujeitos presenteavam às pequenas redações com jornais, poesias, livros e livretos de sua autoria para serem anunciados lidos e criticados pelos estudantes, a partir de pequenas notas ou longos artigos nos próprios *jornalsinhos*, em um processo que ajudava não só na produção de conteúdo como também na reafirmação do caráter literário dos impressos estudantil.

Por último, o campo da imprensa, agente responsável pela representação material e imaterial da atividade discente, se vincula ao processo de produção dos periódicos, a partir dos prelos disponíveis no setor tipográfico e, de maneira mais marcante, a partir de ações de promoção nos grandes diários, com anúncios e notas, sobre o movimento estudantil e seus impressos.

Nesse circuito da produção social da imprensa estudantil no Maranhão oitocentista, as relações são objetivas e estas, por sua vez, estruturam as práticas e as representações dos sujeitos e instituições envolvidas nesse processo, criando um cenário especial de apropriação das tradições tipográficas e de formação de solidariedades jornalísticas e letradas (Marchetti, 2008; Munaro, 2017). Ao funcionar como uma vitrine capaz de expor não só as produções literárias como também os aspectos positivos de personalidades letradas, o envolvimento de professores e intelectuais nos *jornalsinhos*, do ponto de vista coletivo, servia para estimular a prática literária dos estudantes, fortalecendo seu próprio campo de atuação: o educacional e literário, por outro lado, do ponto de vista individual, a menção do professorado enquanto

agentes incentivadores da iniciativa discente e a publicação de trabalhos dos intelectuais, se configurava como um espaço adicional para a circulação e atuação desses sujeitos, com o poder de alargar seu prestígio social. Por último, o envolvimento do campo da imprensa na produção e, principalmente, representação das folhas estudantis pode ser explicado do ponto de vista financeiro, uma vez que o surgimento desse novo segmento tipográfico contribuía para a expansão da atividade econômica impressora, seja na impressão das páginas dos próprios impressos discentes ou na venda de espaços para anúncios desses jornais nos grandes diários.

Foi a confluência entre o corpo discente do Liceu Maranhense, a comunidade docente e intelectual local, amparada pelo campo da imprensa, e associada ao sentimento de decadência literária que pairava no Maranhão do final do século XIX, que fizeram dos *jornalsinhos* o objeto fundamental da ação regeneradora contra a apatia cultural e intelectual que se instaurara, tendo os liceístas na vanguarda, com a incumbência de orquestrar os movimentos sociais e intelectuais para reaver os dias de glória da *Atenas Brasileira*. Nesse cenário, os editoriais de abertura dos impressos estudantis são reveladores quanto às funções e finalidades do trabalho literário e jornalístico dos alunos (Furtado, 2016; Castro, Cabral, Castellanos, 2019), a partir de um discurso bastante argumentativo e, por diversas vezes, eloquente, a imprensa estudantil tentou reforçar para a sociedade maranhense sua importância para o desenvolvimento do campo das letras de sua terra natal. Com textos em sua essência bastante similares, o alunado cobrava certa receptividade e empatia do público, e tal atitude se justificava por três fatores: primeiro, eles representavam uma parcela da sociedade que até então não possuía voz ativa na imprensa; segundo, o leitor deveria levar em conta que os produtores dos impressos ainda eram sujeitos em formação e, por isso, relevar eventuais erros cometidos por eles e; por último, o incentivo dos diversos segmentos sociais à iniciativa discente, seja com apoio moral ou financeiro, seria a única opção para combater o marasmo literário que acometia a *Atenas Brasileira*.

A ACTUALIDADE

Maranhão, 16 de agosto de 1900.

A Nova Geração

Surge hoje na arena espiritual *A Actualidade*.

[...]

Nada mais ambicionamos, com todo ardor dos nossos ânimos juvenis, do que reviver a tradição literária do Maranhão, que sempre se manifestou impetuosa e brilhante. [...]. (*A Actualidade*, 1900, n. 01, p. 01)

O saudosismo dos alunos era recente, pois o último grande expoente da *Atenas* tinha findado sua atividade em 1868, momento onde “[...] brilhante colmeia debandou, disseminando-se os seus operários por diversos rumos, ao sabor das inevitáveis exigências da vida,” (Lobo, 1909, p. 14). Dessa forma, o pesar dos alunos estava baseado em duas frentes: na ausência de intelectuais em *locus* para trabalhar pelo desenvolvimento das letras de sua terra natal e do fervor cultural que esses homens outrora provocaram na cidade de São Luís, a partir de suas realizações nos campos da imprensa, cultura e educação.¹²

A recuperação desse suposto passado glorioso, que transformou o Maranhão em símbolo regional de vida literária para o Brasil e que fabricou nomes importantes para a literatura nacional, foi o argumento utilizado pelos estudantes para impor a sua importância. Na pátria de Gonçalves Dias, a *Atenas Brasileira*, tomando por exemplo os feitos da geração que forjou esse título, os alunos trataram de reerguê-la nos mesmos moldes, porém de acordo com as suas limitadas forças. Assim, o meio mais acessível para a externalização do trabalho mental era via imprensa, materializado no formato de jornal mais barato que os prelos do século XIX poderiam oferecer. Por outro lado, faltava a agitação cultural, o que, em alguns casos, se tentou resolver a partir da reunião dos alunos de maneira institucionalizada. (Quadro 2)

Quadro 02: Clubes/sociedades/grêmios literários da imprensa estudantil

ANO DE FUNDAÇÃO	IMPRESSO ESTUDANTIL	CLUBE/SOCIEDADE/GRÊMIO ESTUDANTIL E LITERÁRIO
1876	REVISTA JUVENIL	SOCIEDADE JUVENIL
1878	O PROGRESSO	CLUBE/GRÊMIO LITERÁRIO UNIÃO LITERÁRIA
1885	O PORVIR	SOCIEDADE PORVIR
1890	O ENSAIO	SOCIEDADE ESTUDANTAL
1898	O IDEAL	GRÊMIO LITTERÁRIO ESTUDANTAL
1900	O ATHLETA	GRÊMIO LITTERÁRIO ESTUDANTAL

Fonte: Os Autores.

¹²Entre as mais importantes realizações culturais do período, destacamos: a fase áurea do jornalismo maranhense; a fundação da Biblioteca Pública; do Liceu Maranhense, do seminário episcopal de Santo Antônio; da Associação Filomática; da Associação Literária; do Ateneu Maranhense, do Instituto Literário Maranhense; da Escola Onze de Agosto e do Instituto de Humanidades, de Pedro Nunes Leal. (MORAES, 1976).

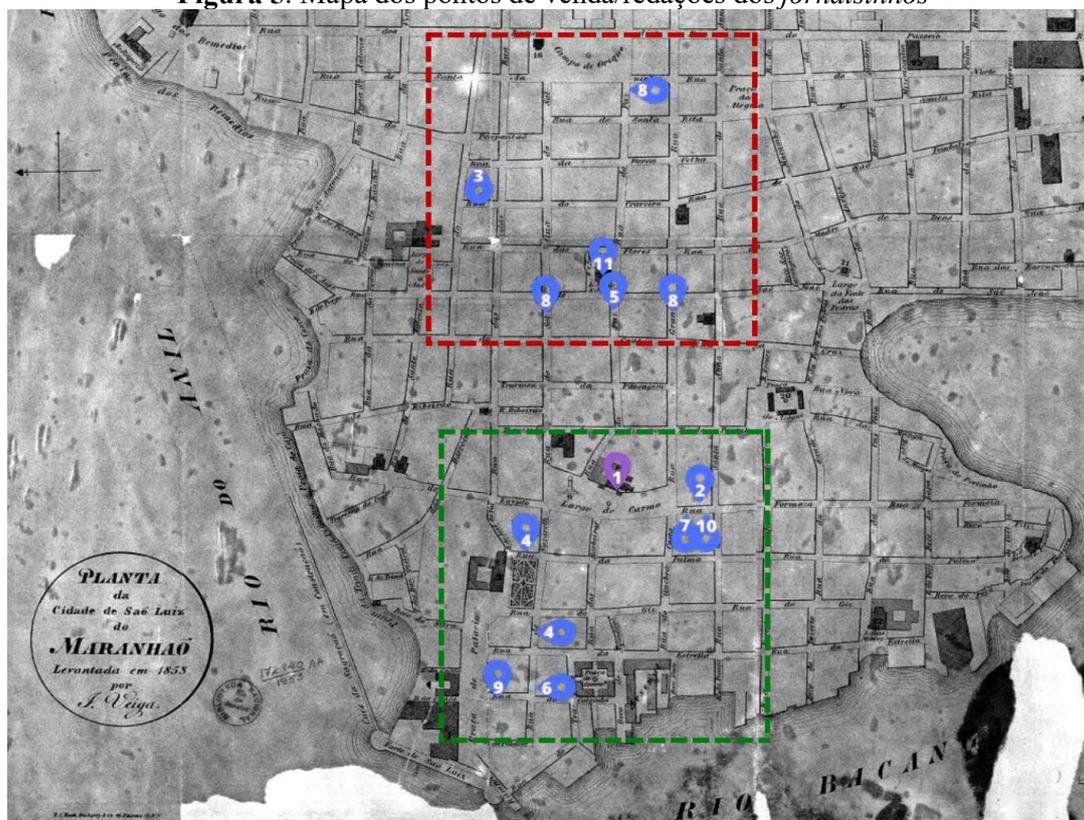
Nessa conjuntura específica, para criação de uma folha era necessário a fundação e/ou associação a um clube literário, esse espaço não possuía local fixo e as *sessões preparatórias*, nome dado às reuniões, eram realizadas em diferentes estabelecimentos espalhados por São Luís, principalmente no Liceu e nas escolas de ensino primário da capital. Nas assembleias marcadas fora do horário escolar e, na maioria das vezes, aos domingos, eram discutidos os estatutos que regeriam a atividade dos clubes, realizado pleitos para eleger seus principais representantes, que se resumiam as figuras do presidente, presidente honorário, vice-presidente, secretário, tesoureiro, comissão de redação e suplentes, além da leitura e debate de teses, isto é, das produções críticas e literárias dos alunos que iriam ser reproduzidas nos impressos estudantis.

No entanto, ao tratarmos dos espaços de sociabilidade da imprensa estudantil, o principal *locus* irradiador dessa atividade é o Liceu Maranhense. Fundado pela Lei de n. 77 de 24 de julho de 1838, o Liceu é a primeira instituição de ensino secundário criada no Maranhão para uma prática organizada de ensino e aprendizagem daqueles alunos que pretendiam acessar o ensino superior, o que antes do seu aparecimento era feito de maneira desordenada nas casas de professores e/ou alunos. (Castro, 2009; Souza, 2022). Nesse espaço de educação propedêutica e humanista, as normas institucionais que regiam o seu funcionamento, materializadas em leis, estatutos e currículos, conferiram ao Liceu Maranhense a responsabilidade de formar os quadros de poder do Maranhão durante todo o século XIX. (Ribeiro, 2006).

O trabalho lítero-tipográfico do alunado maranhense do século XIX ganha vida nos bancos do Liceu Maranhense, isso porque nem metade dos *jornalsinhos* possuía espaço próprio e apropriado para atender as demandas administrativas do seu corpo redacional e assinantes. Nesse sentido, as reuniões de pauta sobre a próxima publicação aconteciam no próprio Liceu e nas raras exceções em que uma folhinha estudantil possuía alguma espécie de “redação”, esses locais poderiam ser salas comerciais, consistórios, vendas, livrarias, tipografias e, até mesmo, nas casas dos alunos, lugares que serviam mais para fins de atendimento ao público e vendas do que efetivamente em locais para reunião dos estudantes e seus colaboradores. Sobre esses espaços, uma parte estava fincada entre o Largo do Carmo e o Largo do Palácio; logradouros conhecidos por abrigar os prédios da administração pública maranhense e onde o vai e vem dos principais representantes da sociedade, a elite política e letrada, era constante (Santos, 2022); a outra parte estava instalada meio às três vias de comércio mais importantes de São Luís: a Rua Grande, Rua do

Sol e Rua da Paz, cercados de múltiplas vendas de miudezas, modas femininas e masculinas, tecidos e calçados finos, bazares e etc. (Lima, 2002). Tais zonas do trabalho litero-tipográfico dos estudantes, portanto, se constituíam em pontos estratégicos para divulgação e venda de seus impressos. (Figura 5)

Figura 5: Mapa dos pontos de venda/redações dos jornalsinhos



LEGENDA

- | | | | |
|---|--|----|--|
| 1 | LICEU MARANHENSE - Convento do Carmo | 7 | O ENSAIO (1890) - Rua da Formosa, n. 11 |
| 2 | A MOCIDADE (1875) e A ESCOLA (1878) - Rua da Formosa, n. 30. | 8 | A ALVORADA (1895) - Rua da Paz, n. 46, Rua Grande S/N, Rua do Sol S/N. |
| 3 | A MOCIDADE (1875) - Rua da Mangueira, n. 14. | 9 | O PORVIR (1895) - Rua da Calçada, n. 1. |
| 4 | REVISTA JUVENIL (1878) - Largo do Palácio, n. 13 e Rua de Nazareth, S/N. | 10 | O IDEAL (1895) - Rua da Formosa, n. 18. |
| 5 | O PROGRESSO (1878) - Rua da Paz, S/N. | 11 | A ACTUALIDADE (1900) - Rua da Paz, Consistório de São João. |
| 6 | O SÉCULO (1889) - Rua Nazareth, n. 34. | | REGIÃO ENTRE O LARGO DO CARMO E O LARGO PALÁCIO. |
| | | | REGIÃO ENTRE A RUA GRANDE, RUA DA PAZ E RUA DO SOL. |

Fonte: Planta da cidade de São Luís do Maranhão, levantada por J. Veiga (1858), adaptada para indicar a localização das “redações” dos jornais estudantis.¹³

¹³Tendo em vista as frequentes tentativas de organização e reordenamento do espaço urbano da cidade de São Luís, a localização das redações, comparada aos endereços hoje estabelecidos, podem ter sofrido alterações quanto ao número dos edifícios.

No entanto, a participação desses sujeitos na sociedade não se limitou apenas a circulação de jornais nos pontos mais movimentados de São Luís ou na reunião de grupos literários; uma vez que os estudantes faziam questão de participar ou noticiar os eventos sociais que movimentavam a cidade como, por exemplo, as festas religiosas, programações teatrais e escolares, as reuniões dos clubes estudantis e não estudantis; além de receber visitas, na forma de periódicos e livros, de personalidades letradas do Maranhão e do Brasil. Tais movimentações sociais dos produtores da imprensa estudantil foram retratadas com bastante minúcia no noticiário e nas crônicas cotidianas dos seus próprios periódicos, com o intuito de promover ou pelo menos dar a sensação de alguma agitação cultural na decadente *Atenas*.

Mesmo com as múltiplas dificuldades de se produzir e fazer circular um impresso estudantil no século XIX, os ânimos juvenis para viver a tradição literária do Maranhão não foram apagados. Assim, definidos os seus espaços de atuação, na imprensa com os *journalsinhos* e na tribuna com os clubes e participação da comunidade discente em diferentes celebrações sociais, era preciso que os alunos definissem a estética do seu trabalho que, no momento de marasmo das letras, ganhou contornos lítero-jornalísticos. Se a fonte dos atenienses originários foram as Arcadas localizadas na Europa, a dos estudantes seria na própria *Atenas Brasileira*, em um lugar que também fora organizado com inspiração na Grécia Antiga, mas atualizado para as necessidades regionais: o Liceu Maranhense,

[...] utilíssimo estabelecimento, de instrução pública, ao qual muito devem tantos literatos e científicos derramados em diversas classes da sociedade, que aí beberam as primeiras luzes, por isso que grande parte deles representam na república das letras importantíssimo papel, e outros que em nada menos importam, por se distinguirem na sociedade, contribuindo com seus transcendentales conhecimentos para o adiantamento da pátria. (O Estudante, 1870, n. 01, p.01).

O Liceu Maranhense desde sua criação, em 1839, até fins do oitocentos, conservou os foros de principal instituição escolar do Maranhão, com um currículo humanista que dava privilégio ao ensino dos idiomas, letras, humanidades e artes, organizado por influência do modelo francês de escola secundária preparatória para o ensino superior (Ribeiro, 2006; Souza, 2022). (Quadro 3)

Quadro 3: Currículos do Liceu Maranhense no período oitocentista

PROGRAMA DE ENSINO DO LICEU MARANHENSE NO PERÍODO OITOCENTISTA		
FOCO DE ENSINO	CADEIRAS DO CURRÍCULO ORGANIZADO EM 1838	CADEIRAS DO CURRÍCULO ORGANIZADO EM 1893
IDIOMAS	LÍNGUA GREGA; LÍNGUA LATINA; LÍNGUA FRANCESA; LÍNGUA INGLESA	LÍNGUA GREGA; LÍNGUA LATINA; LÍNGUA FRANCESA; LÍNGUA INGLESA; LÍNGUA ALEMÃ
LETRAS	RETÓRICA E POÉTICA; GRAMÁTICA FILOSÓFICA DA LÍNGUA E ANÁLISE DE NOSSOS CLÁSSICOS.	LÍNGUA PORTUGUESA; LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA
HUMANIDADES	FILOSOFIA RACIONAL E MORAL; GEOGRAFIA E HISTÓRIA	HISTÓRIA UNIVERSAL; HISTÓRIA DO BRASIL; SOCIOLOGIA
ARTES	DESENHO	DESENHO; MÚSICA E GINÁSTICA
CIÊNCIAS NATURAIS/EXATAS	ARITMÉTICA, PRIMEIRA PARTE DE ÁLGEBRA, GEOMETRIA E TRIGONOMETRIA PLANA; SEGUNDA DE ÁLGEBRA, CÁLCULO E MECÂNICA; NAVEGAÇÃO TRIGONOMÉTRICA ESFÉRICA E OBSERVAÇÕES ASTRONÔMICAS; CÁLCULO MERCANTIL E ESCRITURAÇÃO POR PARTIDAS DOBRADAS	ARITMÉTICA E ÁLGEBRA; GEOMETRIA E TRIGONOMETRIA; ELEMENTOS DE CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL; GEOMETRIA ANALÍTICA E MECÂNICA RACIONAL; FÍSICA E METEOROLOGIA; QUÍMICA E MINERALOGIA; GEOGRAFIA; BIOLOGIA; BOTÂNICA, ZOOLOGIA E GEOLOGIA.

Fonte: Elaborado a partir da Lei de n. 77 de 24 de julho de 1838 e do Regulamento do Lyceu Maranhense de 1893.

Essa instituição de ensino influenciou diretamente nos temas tratados pelos *jornalsinhos* que eram, em sua essência, folhas literárias não só pelo referencial simbólico que se apropriara para se impor à sociedade, a reconstrução da *Atenas Brasileira*, mas também pelo lugar de onde surgira, o *Liceu Maranhense*. Cabe destacar que o culto às letras na organização da educação liceísta fora tanta que embora haja quase uma equiparação entre o ensino de idiomas, literatura, artes e humanidades (13 cadeiras) com o ensino das ciências naturais e exatas (08 cadeiras) em 1893, se levarmos em consideração o plano determinado para essa mesma área em 1838 (04 cadeiras), o programa do curso integral de letras e ciências, ofertado pelo Liceu em sete anos privilegiava o ensino Português, Latim e Francês, onde a primeira cadeira era ofertada nos 04 primeiros anos com 03 horas de estudos semanais, enquanto as duas últimas ministradas por 03 anos seguidos com iguais 03 horas de estudo por semana. (Castro, 2009; Regulamento do Lyceu

Maranhense, 1893). O ambiente letrado e erudito proporcionado por sua instituição originária se manifestou nas páginas dos impressos estudantis que, ao abusar de diversos gêneros literários para sua composição, incorporou as modas francesas da imprensa (Martins, 2015b) da crônica, do conto e do folhetim de pé de página a suas produções.

Dentre diferentes gêneros textuais explorados pelo alunado, o poema se destaca por ser o tipo mais utilizado e retrato, por assim dizer, da manifestação da tendência literária entre os homens em seu estágio mais incipiente. Na maioria das vezes tais publicações eram endereçadas a alguém, mas deveria se manter a discrição assinando com um pseudônimo ou apenas as iniciais, talvez porque algumas delas se tratavam de declarações tímidas de afeto e/ou juras de amor eterno: para um pai, uma mãe, um irmão, um colega de classe ou, em sua grande maioria e o que justifica os comedimentos, para a pessoa amada. Ainda no terreno dos conteúdos abordados pelos impressos estudantis, chama a atenção a apropriação das vogas francesas que ajudavam na venda de jornais, sendo o folhetim de pé de página uma dessas expressões mais latentes e que, diferente das poesias, apareciam com a indicação de autoria e as condições de reprodução de suas partes. Por outro lado, para o Conto, nos *journalsinhos*, foi reservada a possibilidade dos alunos trabalharem livremente, já para a Crônica esta fez o seu papel de artigo despretenso (Martins, 2015b) relatando e criticando tudo que se passava no Brasil e no Mundo, no Maranhão e em São Luís, na Praça do Largo do Carmo e no Liceu Maranhense.

Sobre essa última forma de se colocar na imprensa, a partir da Crônica, é que pontuamos que para a reconstrução da *Atenas Brasileira*, a partir dos jornais, nem o público leitor e nem os alunos poderiam viver somente de literatura, era preciso dar espaço, mesmo que pequeno, a realidade da sociedade, seus problemas e conflitos. Da relação próxima com o campo da educação, uma vez que falavam do seu interior, homenagens foram rendidas aos amigos de classe e aos bravos mestres que os guiavam pelo mundo da instrução, bem como críticas foram estampadas sobre as condições inapropriadas de ensino-aprendizagem no Maranhão, especialmente aquelas referentes ao Liceu Maranhense. Do alto desse terreno, era inevitável que os *journalsinhos* caíssem no campo da política, criticando o sistema monárquico que ainda sufocava o Brasil e ansiando pelos ventos da revolução, do progresso e da liberdade: a República.

O BRASIL DO FUTURO

[...]

O Brasil e o futuro quer dizer: - o Brasil e a revolução, o Brasil e o progresso enfim.

Nós seremos os soldados que têm de lidar no seio dessa revolução já encetada; preparemos, pois, as nossas armas - a pena - e recomendamos-nos ao nosso anjo - a liberdade -. (A Mocidade, 1875, n. 03, p. 03)

Parte dos *journalsinhos* ao escrever sobre o ambiente político do Brasil, realizava um trabalho propagandístico dos ideais republicanos em pleno regime monárquico. Aplaudidos por alguns e contrariando outros, através da imprensa, a comunidade discente mostrou o seu descontentamento com o Império Brasileiro e ansiava com todas as suas forças o advento da República.

Tal propensão não é fruto de uma rebeldia e insurgência juvenil, mas sim reflexo de todo um movimento nacional que se desenvolveu no último quartel do século XIX, onde a imprensa foi utilizada como veículo questionador do sistema monárquico que tinha D. Pedro II (1825-1891) como figura central. As crises entre a igreja e o Estado, e o descontentamento dos militares com a corrupção existente na Corte ajudaram a endossar o surgimento de diversos periódicos a serviço da propaganda e da causa republicana a partir de 1870. (Martins, 2015b).

Dessa forma, embora a propaganda republicana não estivesse entre os principais objetivos das publicações estudantis no Maranhão ela se fez presente entre suas páginas, ora a partir de pequenos comentários mordazes sobre a Família Real e ora a partir de críticas extensas à ineficiência do Império Brasileiro.

Mocidade! É preciso trabalhar!

É preciso trabalhar e trabalhar bastante; afrontar com sangue frio todas as calamidades da vida, arrostar impassíveis a torrente de sacrifícios que nos pretender tolher os passos, para, quando qualquer um de nós, já cômico do que é a vida do homem, tiver galgado um dos primeiros e mais eminentes cargos do Estado, saber ditar leis a um povo livre, - livre, em toda a extensão desta palavra por natureza. (O Estudante, 1870, n.02, p. 01.).

Assim, além de se constituir como veículo de aprendizagem para o trabalho litero-jornalístico do alunado e de manutenção da *Atenas Brasileira*, a imprensa estudantil também fora utilizado como palco de formação e projeção política de jovens que, depois de completado seus estudos, almejavam ocupar as mais eminentes posições da vida pública e, por isso,

reivindicavam maior representatividade política e liberdade.

Os artigos antimonárquicos da imprensa estudantil, em parte, tomavam os acontecimentos que levaram a ruptura do absolutismo na França e nos Estados Unidos como espelho a ser seguido pelo Brasil que, meio a outros exemplos da Europa e de vizinhos do próprio continente, que tomaram essas experiências como germen da sua própria revolução, estava “[...] escuta[ando] interessado essas vozes que atravessa[va]m o oceano tão rápido como um raio” (A Mocidade, 1875, n. 03, p. 03). Tal argumentação era sempre acompanhada de uma longa explanação sobre os louros da liberdade e seus benefícios para a sociedade brasileira.

O atraso educacional da sociedade brasileira era atribuído a uma herança portuguesa que só seria aniquilada com a queda da monarquia. Com as devidas adaptações às suas limitadas forças, na condição de jovens estudantes e jornalistas frente a um público conservador, os *journalsinhos* dissertam sobre o seu descontentamento com o sistema e anseio pela liberdade. Nesse cenário, não raramente, eles receberam críticas sobre suas observações políticas, que foram devidamente republicadas nos impressos estudantis já que, como declararam os alunos, “[...] não podemos tolher a ninguém o direito de toda e qualquer crítica uma vez de ser o nosso programa, não nos furtamos à publicação [...], que [...] nada tem de inconveniente”. (A Mocidade, 1875, n. 04, p. 02-03)

Nas ocasiões em que o Império estava sob a mira da imprensa estudantil maranhense a partir da crônica cotidiana, comentários críticos e mordazes sobre as principais figuras do Império Brasileiro, sua majestade e a herdeira do trono, foram feitos pelos alunos.

Bastou Dom Pedro II, em 1876, planejar uma viagem aos Estados Unidos da América e, a caminho de Nova Iorque, decidir fazer uma breve parada em Belém, para *Confucius*, cronista do jornal *A Mocidade* (1875-1876), tecer o seguinte comentário: “[...] Mas porque não chega S. M. até a nossa *Atenas*, para ter ocasião de admirar tantas coisas dignas de atenção, ou ao menos para visitar alguns dos nossos prédios mais importantes!” (A Mocidade, 1875, n. 08, p. 04).

Não seria a primeira vez que o monarca, entusiasta da cultura e idiomas, deixava o Brasil, nem a primeira em que seria criticado por isso. Em maio de 1871, apesar das críticas à viagem, Dom Pedro II partiu para a Europa, deixando o país em crise: nas mãos da inexperiente princesa Isabel, em meio ao debate sobre o trabalho escravo, a monarquia e o surgimento da imprensa abolicionista (Schwarcz, 1998; Marcelino, 2021).

O histórico do imperador viajante, portanto, não era dos melhores, no entanto o cronista d'*A Mocidade* (1875-1876) deu a “[...] Palavra, que se ele *cá* viesse iria oferecer-[se] para ser seu guia, tendo assim ocasião de dizer a verdade sobre muitas coisas de que desej[ava] falar” (A Mocidade, 1875, n. 08, p. 04). De aí em diante *Confucius* começa a planejar um roteiro que incluiria visitar a velha catedral de São Luís, a saleta ridícula que se chamava de Assembleia onde “[...] só a quarta parte dos que se reúnem é que sabem dizer alguma coisa, mas o resto, Senhor, não está na altura de dissentir sobre os interesses da província” (A Mocidade, 1875, n. 08, p. 04) e, em seguida, o levaria ao Liceu Maranhense, onde ele “[...] veria coisas interessantes: cada quatro paredes que formam salões onde funcionam as aulas, não sei com que haveria ele de comparar. Talvez sejam mais limpas ou decentes as cocheiras¹⁴ dos seus baurus na Tijuca” (A Mocidade, 1875, n. 08, p. 04).

[...]

E sabe V. M. de outra coisa? uma casa ainda mesmo nestas condições não teria a província, para o Liceu, se não fosse a generosidade de um frade, que a ofereceu ao governo; é verdade que em compensação a esta generosidade, o bom do frade maltrata os ouvidos dos lentes e estudantes, todas as vezes que tem de mandar rachar lenha e serrar madeiras dentro do seu quintal, que, como vê V. M., fica imediato às aulas: faz assim um barulho tão grande, que muitas vezes não se ouvem as explicações dos lentes. (A Mocidade, 1875, n. 08, p. 04).

No roteiro oferecido ao Imperador fica evidente não só o estado de abandono em que se encontrava a *Atenas Brasileira*, mas também a insatisfação dos estudantes com a monarquia, pois os jovens além de não contar com a vida cultural e literária de outrora, viviam meio ao descaso da classe política e dos prédios públicos, inclusive da sua instituição escolar: o Liceu Maranhense.

A campanha de rejeição dos estudantes ao sistema político que estavam inseridos ainda ia se desdobrar em críticas ao *carolismo* da Princesa Isabel, a herdeira do trono, e tantos atrasos enfrentados pela sociedade no Brasil Império. O anseio pela república foi tanto, que “A estrondosa e surpreendente vaia com que os estudantes do Liceu Maranhense receberam o Conde d’Eu, ilustre Príncipe Consorte da Herdeira do trono [...]” (Viveiros, 1992, p. 130), que estava em viagem por São Luís para divulgar o Terceiro Reinado entre julho e agosto de 1889,

¹⁴ Alojamento de cavalos ou local utilizado para armazenar carruagens.

figura na História do Maranhão como uma das raríssimas manifestações do republicanismo na província, ilustrando muito bem a relação entre os alunos e o sistema monárquico, ao receberem no Largo do Carmo um representante da coroa “[...] com repetidas morras a Monarquia e vivas à República” (Meiros, 2001, p. 268).

Quando a República finalmente é proclamada, em 15 de novembro de 1889, os pequenos avanços galgados em âmbito social são apresentados, as datas cívicas são festejadas e os votos de que o sistema progrida são evidentes. Para a imprensa estudantil, a educação ia se desenvolvendo como reflexo da “[...] reforma eleitoral, a abertura de aulas noturnas e o aumento de escolas públicas” (O Ensaio, 1890, n.01, p. 04), além de discussões sobre o direito ao voto para as mulheres, do divórcio, questões territoriais e diplomáticas pautaram as produções com algum lastro político nos *jornalsinhos* durante o período republicano, porém com menos intensidade do que se verificou no império. Sob o espectro político, o alunado maranhense deu mais ênfase entre 1889 e 1900 à exaltação das datas comemorativas e cívicas que marcaram o Maranhão, o Brasil e o Mundo, a partir de longos artigos que apontavam o contexto histórico e o impacto desses acontecimentos para a sociedade. (Castro; Cabral; Castellanos, 2019).

Com chegada do século XX, os *ânimos juvenis* e a *tradição literária* no Maranhão ainda permanecem acesos, a cultura da imprensa estudantil se alarga e ainda resiste: aparecem novos impressos liceístas, algumas folhinhas coordenadas pela comunidade das escolas primárias e secundárias, e outras organizadas pelos estudantes universitários (Costa, 2009; Aquino, 2016; Furtado, 2016; Borges, 2017), por sua vez, a geração que iniciou esse movimento já havia terminado seus estudos secundários, ido se graduar nas academias pelo Brasil ou pela Europa, regressado à sua terra natal ou findado domicílio nas principais cidades brasileiras, com a incumbência de assumir os cargos mais importantes da administração pública, sem se descuidar do seu legado literário com a *Atenas Brasileira*. Enquanto primeiro palco de homens como: *Teófilo Odorico Dias de Mesquita*, o poeta, advogado, jornalista e político brasileiro, patrono da Academia Brasileira de Letras e um dos representantes do movimento parnasiano; *Benedito Pereira Leite*, advogado, eleito deputado federal, senador e governador do Maranhão; *Manuel Álvaro de Souza Sá Viana*, Advogado, funcionário público, delegado de polícia, juiz, professor, membro do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; e um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras; *Antonio Batista Barbosa de Godois*, escritor poeta e professor; e *Antonio*

Lobo, jornalista, polemista, romancista, poeta, professor, crítico e ensaísta; entre outros nomes importantes para a literatura maranhense e brasileira, os *jornalsinhos* foram responsáveis por formar uma plêiade de intelectuais que ocuparam lugar de destaque em diversos segmentos da sociedade maranhense no alvorecer do novo século.

Considerações Finais

Terminada a nossa incursão interpretativa sobre os processos comunicacionais estabelecidos pelos estudantes maranhenses no final do século XIX, a partir da criação e manutenção de impressos e em uma tentativa de reação a apatia cultural que se instaurou em sua terra natal, concluímos que reduzir o movimento discente a *um par de periódicos e/ou tentativas malogradas* é apagar o complexo contexto de surgimento da imprensa estudantil no Maranhão que, orientada por *ânimos juvenis e tradição literária*, fundou 22 *jornalsinhos*, criou uma rede de solidariedades para manutenção de suas folhinhas e foi responsável por operar os movimentos sociais e intelectuais de manutenção da *Atenas Brasileira* entre 1870 e 1900.

A atividade lítero-tipográfica estudantil foi materializada em jornais de fatura modesta que, longe de indicar desleixo por parte de seus produtores, nos revelou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em conciliar as atividades jornalísticas com as obrigações escolares. Embora sua periodicidade fosse mesmo irregular, e a maioria dos empreendimentos não passasse do primeiro ano de vida, os esforços para a manutenção de um jornal estudantil era demasiado complexa, uma vez que sua produção social e a formação de solidariedades jornalísticas e tipográficas envolvia a criação de clubes literários, a colaboração da comunidade docente e discente local, com amparo do campo da imprensa e, substancialmente, a influência de sua instituição de origem, o Liceu Maranhense, nos temas abordados em suas páginas.

O envolvimento de todos esses atores na manutenção dos *jornalsinhos* não seu deu somente pelo acolhimento benévolo, exaustivamente requerido pelos alunos, mas sim a partir de um jogo de trocas simbólicas que tinha o jornal como vitrine para intelectuais e instituições, tanto para aqueles que estavam em formação quanto para quem já havia alcançado algum tipo de prestígio social, uma vez que o Maranhão em fins do oitocentos vivia em estado de marasmo das letras e a atividade lítero-tipográfica estudantil se apresentava como a alternativa mais viável para sair da apatia que se instaurou. É por isso que os jornais estudantis maranhenses são

em sua essência literários, todos os gêneros são trabalhados em suas páginas: a poesia se destaca como a mais requisitada entre eles e as modas francesas, do folhetim e do conto, se mostram como os textos mais atrativos e rentáveis para a iniciativa do alunado, ao lado da crônica cotidiana, espaço em que os estudantes refletiram sobre os problemas da sociedade e onde fora constatado que a comunidade discente era adepta de uma imprensa propagandística da república, vide aos problemas educacionais, políticos e econômicos vivenciados por esses sujeitos.

Ocupando o vazio de uma época e de acordo com as suas limitadas forças, os movimentos orquestrados pelo alunado a partir da criação de *jornalsinhos*, orientados pelo mito da *Atenas Brasileira*, demonstram a riqueza e complexidade dessas fontes/objetos para a historiografia educacional brasileira. Chegamos ao final desta incursão com a certeza de que ainda há muito por fazer pela história da imprensa estudantil no Brasil e, especialmente, no Maranhão. É preciso identificar, construir e tornar acessíveis acervos, readaptar e/ou produzir teorias e metodologias que deem conta dessas materialidades, que o curso da história, até aqui, tratou de reduzi-las a *um par de periódicos e tentativas malogradas*.

Referências

A **ALVORADA**, São Luís, 1895. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ACTUALIDADE**, São Luís, 1900. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ESCOLA**, São Luís, 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

A **ESCHOLA**, São Luís, 1891. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

AMARAL, G. L. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 06, n. 11, p. 117-130, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 03 fev. 2023.

A **MOCIDADE**, São Luís, 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

AQUINO, M. J. F. de M. **Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e**

Liceu Maranhense: processo de formação de uma elite letrada (1948-1958). 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BORGES, A. L. D. **O livro e a leitura na imprensa maranhense de educação e ensino.** 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

BORRALHO, A. H. de P. **A Athenas Equinocial:** a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.

CASTRO, C. A. C. (Org.). **Leis e regulamentos da instrução pública no Maranhão Império:** 1835-1889. São Luís: EDUFMA, 2009.

CASTRO, C. A.; CABRAL, M. C. dos S.; CASTELLANOS, S. L. V. A imprensa estudantil liceísta no Maranhão (1889-1900). **Revista Brasileira De História Da Educação**, Maringá, v.19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

COSTA, M. C. **Em cena, o movimento estudantil acadêmico no Maranhão:** 1930-1950. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2009.

DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, 1855-1919. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 26 set. 2021.

FURTADO, L. N. M. **A imprensa estudantil liceísta maranhense na primeira República (1907-1930).** 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

JORGE, S. **A Imprensa do Maranhão no Século XIX.** São Luís: Lthograf, 2008.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, C. **Caminhos de São Luís** (ruas, logradouros e prédios históricos). São Paulo: Siciliano, 2002. 244 p.

LOBO, A. **Os Novos Atenienses:** Subsídios para a História Literária do Maranhão. São Luís: Tipografia Teixeira, 1909.

LUCÁ, T. R. de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos impressos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 4.

MARCELINO, J. H. Dom Pedro II nos Estados Unidos: impressões do roteiro de um monarca viajante (1876). **Epigrafe**, São Paulo, v.10, n.1, p. 247-272, 2021.

MARCHETTI, D. El análisis sociológico de la producción de información mediática, **Comunicación y Medios**, Chile, n. 18, p. 19-29, 2008.

MARTINS, M. B. **Operários da Saudade**: os novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006a.

MARTINS, A. L. M. Imprensa em tempos de Império. *In: ____*; LUCA, T. R. de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015b.

MATOS, F. B. M. Jornal Pacotilha: uma voz pela modernidade fin-de-siècle em São Luís, São Luís, **Outros Tempos**, vol. 18, n. 32, p. 398-407, 2021. Disponível em: <https://outrostempos.uema.br/>. Acesso: 03 fev. 2022.

MEIRELES, M. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAES, J. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. São Luís: SIOGE, 1976.

MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. *In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.)*. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1.

MUNARO, L. F. Rios e jornais: a dispersão da palavra impressa no interior do Amazonas. *In: ____ (Org.)* **Rios de palavras**: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. Cap. 1.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino**: repertório analítico (séculos XIX - XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. de. Historiografia da educação e fontes. *In: GONDRA, J. G.* **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005. p. 17-62.

O ENSAIO, São Luís, 1890. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O ESTUDANTE, São Luís, 1870. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O IDEAL, São Luís, 1898.

O PAIZ, São Luís, 1863-1886. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O PORVIR, São Luís, 1895. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

O SÉCULO, São Luís, 1889.

O SORRISO, São Luís, 1885. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

PACOTILHA, São Luís, 1880-1939. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2021.

REGULAMENTO DO LYCEU MARANHENSE, 1893.

REVISTA JUVENIL, São Luís, 1876. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2021.

RIBEIRO, V. M. **A Implantação do Ensino Secundário Maranhense**: Liceu Maranhense. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.

SANTOS, J. S. **Os Livros Escolares de Autores Maranhenses na Imprensa Local (1860-1920)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

SCHWARCZ, L. M. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SERRA, J. **Sessenta anos de Jornalismo no Maranhão**. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883.

SOUZA, M. de A. **Cultura Material no Lyceu Maranhense (1838-1889)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

VERÍSSIMO, J. Gonçalves Dias e o grupo maranhense. *In*: _____. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1916 Cap. 11.

VIVEIROS, J. de. **História do Comércio do Maranhão**. São Luís: LITHOGRAF, 1992. Cap. 08.

WERLE, F. O. C. Humor e irreverência nos impressos estudantis de escolas normais rurais (rs, 1945-1983). **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 291-317, Maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso: 03 set. 2022.

Submetido em: 20/07/2025

Aceito em: 03/11/2025

Citações e referências
conforme normas da:

